

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Inter-religious dialogue

*Luís Alexandre Ribeiro Branco **

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o tema do diálogo inter-religioso, mais propriamente numa perspectiva cristã conservadora. Cientes da importância deste diálogo, buscamos apresentar uma proposta aceitável para os grupos religiosos mais conservadores com o objetivo de atrair a todos para a mesa comum do diálogo e da busca por objetivos comuns a todos os grupos. Sabemos que este tema pode ser um tanto quanto desconfortável, entretanto, devemos romper as barreiras da nossa zona de conforto e sair em direção ao outro. Certamente há muito a aprender e muito a ganhar.

Palavras-chave: Inter-religioso, Diálogo, Ecumenismo, Liberdade, Fé

Abstract: The purpose of this article is to analyse the theme of inter-religious dialogue, more properly from a conservative Christian perspective. Aware of the importance of this dialogue, we seek to present an acceptable proposal for the most conservative religious groups in order to attract everyone to the common table of the dialogue and to seek common objectives for all groups. We know that this topic can be somewhat uncomfortable, however, we must break the barriers of our comfort zone and move towards the other one. There is certainly much to learn and much to gain in this process.

Keywords: Inter-religious, Dialogue, Ecumenism, Freedom, Faith

* Investigador Colaborador do Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Investigador da Área da Ciência das Religiões da Universidade Lusófona; Pastor da Igreja Evangélica Baptista de Cascais

No ano mil duzentos e dezanove Francisco de Assis viajou ao encontro do Sultão Malek-al-Kamil, numa época marcada por conflitos entre cristãos e muçulmanos. Em meio a V Cruzada, Francisco de Assis, inicia a sua viagem com alguns irmãos a bordo de um barco militar e chega ao porto de São João do Acre, no norte da Palestina com o objetivo de visitar o referido sultão no Egito, numa demonstração de genuíno amor cristão e um coração pacificador. O encontro foi realizado no porto de Damietta, no delta do Nilo, a aproximadamente duzentos quilômetros ao norte de Cairo, onde o sobrinho de Saladino, mesmo contrariando seus pares, acolheu Assis e os demais frades. O entendimento desenvolvido por Assis a luz dos Evangelhos apontaram para o caminho que os cristãos deveriam seguir, em direção ao diálogo inter-religioso.

O diálogo inter-religioso é um clamor constante da sociedade e das comunidades religiosas em sua boa parte. Não tenciono generalizar ao assumir a ideia de que este seja um desejo global. Algumas religiões são mais abertas para este tipo de aproximação enquanto outras são mais resistentes. Um exemplo de abertura está entre os judeus, visto que o judaísmo é praticamente uma religião consanguínea, ou seja, para ser judeu é preciso ser filho de mãe judia. Entretanto, é sabido que algumas comunidades judaicas estão abertas aos prosélitos. Já as religiões que envolvem algum tipo de conversão ou iniciação tendem a ser mais resistentes. Na minha tradição religiosa, protestantismo reformado, a ideia do diálogo nem sempre é vista com bons olhos, pois os protestantes receiam o que podemos chamar de ecumenismo.

Em Portugal, na medida do possível há uma relação respeitosa entre as religiões e vários debates e diálogos têm sido promovidos para este fim. Entretanto, não podemos ignorar que a “Lei de Liberdade Religiosa” só veio a ser implementada em Portugal em 2001. Isto significa que até esta data o Catolicismo Romano gozava plenamente de toda a liberdade religiosa, enquanto as demais religiões eram classificadas como seitas e tinham a sua liberdade limitada em comparação com a Igreja Católica Apostólica Romana.

A resistência dos grupos mais conservadores está fundamentada na ideia de que o diálogo inter-religioso (ecumenismo) implica necessariamente no reconhecimento e aceitação de que todas as religiões são igualmente portadoras da verdade absoluta. Com base nesta premissa, considerando a natureza última das religiões, seria inconciliável uma proposta que busque nivelar os valores absolutos das religiões como sendo verdades altamente compatíveis uma com as outras. Como propõe Raimon Panikkar: “O diálogo neste sentido significa por um lado, que nenhuma pessoa concreta pode possuir toda a verdade e, por outro lado, que a verdade mesma não é uma “coisa” exclusivamente objetiva”.¹ Esta definição não encontrará abrigo aos olhos de boa parte dos grupos religiosos conservadores, para quem só existe um caminho, uma verdade, um Deus.

Entretanto, o diálogo entre as religiões é necessário e deve ser encorajado. Não obstante, se o pressuposto deste diálogo for questionar valores doutrinários e dogmas com o objetivo de promover a paz e a boa convivência, ele não será bem-sucedido. Sem dúvida, há alguma igualdade de valores sociais e humanitários entre os grupos religiosos. Porém, o mútuo respeito à diferença doutrinária contribui decisivamente para a boa relação entre estes grupos. O diálogo inter-religioso deve ter como foco o tema da liberdade religiosa, muito mais do que a igualdade religiosa. É de notório saber que as religiões são diferentes, as divindades são diferentes, as liturgias são diferentes, as literaturas são diferentes, portanto, propor uma união com base nas similaridades é um equívoco. As religiões não são iguais e devem ser respeitadas e encorajadas naquilo que as distinguem, sem contudo, prejudicar o respeito devido a todas as demais e o mútuo interesse pelo bem-estar da humanidade como um todo.

Num dos seus ensaios sobre a “COMPREENSÃO”, Agostinho da Silva fala sobre um tema importante à formação do pensamento do diálogo inter-religioso:

¹ Raimon Panikkar, *Diálogo Indispensável: Paz Entre Religiões* (Lisboa: Zefiro, 2007), ePub.

A primeira condição para libertar os outros é libertar-se a si próprio; quem apareça manchado de superstição ou de fanatismo ou incapaz de separar e distinguir ou dominado pelos sentimentos e impulsos, não o tomarei eu como guia do povo; antes de tudo uma clara inteligência, eternamente crítica, senhora do mundo e destruidora das esfinges; banirá do seu campo a histeria e a retórica; e substituirá a musa trágica por Platão e os geómetras.

Hei-de vê-lo depois de despido de egoísmos, atento somente aos motivos gerais; o seu bem será sempre o bem alheio; terá como inferior o que se deleita na alegria pessoal e não põe sobre tudo o serviço dos outros; à sua felicidade nada falta senão a felicidade de todos; esquecido de si, batalhará, enquanto lhe restar um alento, para destruir a ignorância e a miséria que impedem seus irmãos de percorrer a ampla estrada em que ele marcha.

Nenhuma vontade de domínio; mandar é do mundo de aparências, tornar melhor de um sólido universo de verdades; se tiver algum poder somente o veja como um indício de que estão ainda muito baixos os homens que lho dão; incite-o o sentir-se superior a mais nobre e rude esforço para que se esbatam e percam as diferenças; não aproveite para mostrar a sua força a fraqueza dos outros, o bom lutador deseja que o combatam mais rijos lutadores.

Será grato aos contrários, mesmo aos que vêm armados da calúnia e da injúria; compassivo da inferioridade que demonstram fará tudo que puder para melhorarem e se elevem; responderá à mentira com a verdade e ao ódio com o bem; tenazmente se recusará a entrar nos caminhos tortuosos; se o conseguirem abater, tocará com humildade a terra a que o lançaram, descobrirá sempre que do seu lado esteve o erro e de novo terá forças para a luta; e se o aplaudirem pense logo que houve um erro também.²

Desta forma, o fato do meu grupo religioso entender que alcançamos a verdade absoluta, não significa que não possamos dialogar com os demais grupos, mesmo que estes igualmente entendam que também alcançaram a verdade absoluta. Não é nosso papel, na busca pelo diálogo inter-religioso, questionar estas verdades, mas respeitá-los e juntos buscar o que é melhor para o desenvolvimento humano e os valores da liberdade.

Quando tentamos desenvolver um diálogo inter-religioso através da fusão das religiões seremos mal-sucedidos. Não é de se admirar que quando o assunto é o diálogo inter-religioso, quase sempre ficam de fora os grupos mais conservadores por receio daquilo que aparentemente pode significar uma

² Agostinho da Silva, *Textos e Ensaios Filosóficos*, 1a. ed., Obras de Agostinho da Silva (Lisboa: Ancora Editora, 1999-), 119-120.

flexibilização nos seus valores. Se desejamos atrair todos para a mesa do diálogo, teremos que compreender as implicações deste diálogo e a necessidade de respeitarmos as diferenças e posições teológicas de todos os grupos sem aferirmos a este ou aquele uma posição de superioridade ou inferioridade devido as suas convicções religiosas.

Num mundo como o que vivemos, o diálogo inter-religioso é de suma importância para uma sociedade evoluída. Juntos podemos muito mais do que sozinhos. Há necessidades no mundo, há carências humanitárias, há violência, há fome e sede, há doenças físicas e psicológicas, há discriminação de género, de cor e de nível social e intelectual, há desprezo pelo ecossistema e precisamos encontrar respostas para estas necessidades. Sem dúvida o diálogo inter-religioso terá um papel fundamental para encontrarmos as soluções para os dramas do mundo. Entretanto, este diálogo deverá ser sustentado pelos pressupostos do respeito as diferenças, do interesse comum pela humanidade e pela ecologia.

Em Portugal houve espaço para as mais diversas crenças, desde as mais antigas até as mais recentes. Sendo um país de marinheiros, era natural que estes viajantes trouxessem consigo uma variedade de deuses, crenças e valores religiosos dos lugares por onde passavam. O país também foi berço de muitas crenças desde de antes da sua formação. O ateísmo também encontrou seu espaço na sociedade portuguesa e a inquisição em Portugal buscava não apenas hereges (não cristãos), mas também os sem religião.

Uma corrente que contribuiu para o desenvolvimento do ateísmo foi o deísmo. O deísmo tem a sua origem no iluminismo. O iluminismo não defende o ateísmo, no entanto, tornou possível conjecturar sobre a existência do divino e não estar subjugado às referências bíblicas. A esta possibilidade dá-se o nome de deísmo, ou seja, a crença num criador, sem que o mesmo tenha de ser necessariamente revelado numa escritura ou venerado por instituições. O

deísmo acredita que Deus é simplesmente o criador do universo e não o seu moralizador.

As questões que envolvem o ateísmo são muito mais profundas. Conta-se a história de Meslier, um abade incrédulo que zelou durante alguns anos pela paróquia de Étrepigny nas Ardenas. E que não quis morrer sem antes deixar como legado as suas memórias (1729), um manifesto revoltado em relação àquilo que considerava uma mentira e que apenas por uma mera obrigação, teve de o realizar durante toda a sua vida: pregar Deus.

Em Portugal, o ateísmo parece ter sido camuflado pelo medo, tanto das inquisições, quanto da exclusão social. Mais do que qualquer classe económica ou grupo social (pobre, negro, índio, homossexual, judeu etc.) o ateu terá sido o indivíduo mais marginalizado da história portuguesa. A palavra ateísmo é formada pelo prefixo “a”, que denota ausência e pelo radical grego theós, que significa deus, divindade, teísmo; ou seja, a palavra, *ateu* significa sem deus e sem teísmo.

O número de ateus em Portugal ronda a casa dos seis porcentos da população. Uma margem menor do que a média europeia. Lê-se no Manifesto da Associação Ateísta Portuguesa: “... na sequência da legalização da Associação Ateísta Portuguesa, os outorgantes da respetiva estrutura saúdam todos os livres-pensadores: ateus, agnósticos e cétricos, que dispensam qualquer deus para viverem e promoverem os valores da liberdade, do humanismo, da tolerância, da solidariedade e da paz.”³

O diálogo inter-religioso não pode desprezar inclusive os ateus, pois assim como os religiosos, estes estão empenhados no bem comum da humanidade. Mesmo que não creiam em coisa alguma, não são desprovidos de virtudes humanas. As tradições religiosas não são as únicas portadoras destas virtudes.

³ Associação Ateísta Portuguesa: Manifesto, Último acesso em 10 de Outubro de 2016, 2016, <http://www.aateistaportuguesa.org/manifesto/>

É preciso também observar as implicações do diálogo inter-religioso naquilo que está relacionado com a nossa percepção dos mistérios de Deus. Embora não tencionamos questionar aquilo que cada religião tem como verdade absoluta, não podemos incorrer no erro de achar que uma religião específica seja portadora exclusiva deste mistério. Isto requer de cada grupo religioso uma postura de humildade e boa-vontade. Como escreveu Roberlei Panasiewicz: “A implicação positiva para o diálogo inter-religioso está em reconhecer que existem valores em todas as tradições religiosas e que esses valores devem ser partilhados, para a maior percepção do mistério de Deus, que per-passa essas mesmas tradições”.⁴

Thomas Merton próximo da sua morte, numa viagem à Ásia, onde participaria de um diálogo inter-religioso escreveu o seguinte ao seu amigo Ernesto Cardenal: “Vou com a mente de todo aberta. Sem ilusões especiais, espero. Minha esperança é simplesmente desfrutar da longa viagem, dela tirar proveito, aprender, mudar, talvez encontrar alguma coisa ou alguém que me ajude a avançar em minha própria busca espiritual. [...] Sinto que aqui não há muito para mim no momento e que preciso me abrir para um monte de novas possibilidades. [...] A grande coisa é corresponder perfeitamente à Vontade de Deus nessa ocasião providencial, seja o que for que ela traga”.⁵

Diante destes fatos, sou do entendimento de que não precisamos ter medo de sentar à mesa do diálogo, nem ter a timidez para convidar o nosso próximo para sentar-se juntamente connosco. Juntos podemos desenvolver um diálogo sem preconceitos, sem mecanismos de defesa, pois estes não são necessários onde está presente o respeito.

⁴ Roberlei Panasiewicz, *Pluralismo religioso contemporâneo: Diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré* (Belo Horizonte: PUC Minas, 2007), 182.

⁵ Faustino Teixeira, *Buscadores do diálogo: Itinerários inter-religiosos* (São Paulo, Editora Paulinas, 2012), 26.

Bibliografia

Agostinho da Silva, *Textos e Ensaios Filosóficos*, 1a. ed., Obras de Agostinho da Silva (Lisboa: Ancora Editora, 1999-), 119-120.

Faustino Teixeira, *Buscadores do diálogo: Itinerários inter-religiosos* (São Paulo, Editora Paulinas, 2012), 26.

Portuguesa, Associação Ateísta: Manifesto, Último acesso em 10 de Outubro de 2016, 2016, <http://www.aateistaportuguesa.org/manifesto/>

Raimon Panikkar, *Diálogo Indispensável: Paz Entre Religiões* (Lisboa: Zefiro, 2007), ePub.

Roberlei Panasiewicz, *Pluralismo religioso contemporâneo: Diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré* (Belo Horizonte: PUC Minas, 2007), 182.